

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Freud, Sigmund, 1856-1939.

F942o Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard*  
2.ed. brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Imago, 1989.

Tradução de: The Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud.

Apêndice.  
Bibliografia

1. Psicanálise. I. Strachey, James. II. Freud, Anna, 1895- III. Título.

86-1114

CDD – 150.1952  
CDU – 159.904.26FREUD

EDIÇÃO *STANDARD* BRASILEIRA  
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

# SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey  
Em Colaboração com Anna Freud  
Prefácio especial para a edição brasileira de Anna Freud

VOLUME VII  
(1901-1905)

Direção Geral de  
JAYME SALOMÃO

1,20

2ª EDIÇÃO  
Tradução de Vera Ribeiro

**BIBLIOTECA  
DO IEPP**



IMAGO EDITORA LTDA.  
Rio de Janeiro

## (5) A INVESTIGAÇÃO SEXUAL INFANTIL<sup>1</sup>

### A PULSÃO DE SABER

Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade. Sua atividade corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopofílica. Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles.

### O ENIGMA DA ESFINGE

Não são interesses teóricos, mas práticos, que põem em marcha a atividade investigatória na criança. A ameaça trazida para suas condições existenciais pela chegada conhecida ou suspeitada de um novo bebê, assim como o medo de que esse acontecimento traga consigo a perda de cuidados e de amor, tornam a criança pensativa e perspicaz. O primeiro problema de que ela se ocupa, em consonância com essa história do despertar da pulsão de saber, não é a questão da diferença sexual, e sim o enigma; de onde vêm os bebês?<sup>2</sup> Numa distorção facilmente anulável, esse é também o enigma proposto pela Esfinge de Tebas. Ao contrário, o fato de existirem dois sexos é inicialmente aceito pela criança sem nenhuma rebeldia ou hesitação. Para o menino, é natural presumir uma genitália igual à sua em todas as pessoas que ele conhece, sendo-lhe impossível conjugar a falta dela com sua representação dessas outras pessoas.

<sup>1</sup> [Toda essa seção sobre a investigação sexual infantil surgiu pela primeira vez em 1915.]

<sup>2</sup> [Num trabalho posterior, Freud (1925) corrigiu essa afirmação, dizendo que ela não se aplica às meninas e nem sempre é válida para os meninos.]

## COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E INVEJA DO PÊNIS

Essa convicção é energicamente sustentada pelos meninos, obstinadamente defendida contra a tradição que logo resulta da observação, e somente abandonada após sérias lutas internas (o complexo de castração). As formações substitutivas desse pênis perdido das mulheres desempenham um grande papel na forma assumida pelas diversas perversões.<sup>1</sup>

A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. Tem pouca serventia para a criança que a ciência biológica dê razão a seu preconceito e tenha de reconhecer o clitóris feminino como um autêntico substituto do pênis. Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas conseqüências.

### TEORIAS DO NASCIMENTO

Muitas pessoas recordam com clareza a intensidade com que se interessaram, no período pré-púbere, pela questão da proveniência dos bebês. As soluções anatômicas então concebidas foram dos mais diversos tipos: eles saíam do seio, ou se recortariam do ventre, ou o umbigo se abria para deixá-los passar.<sup>2</sup> Fora da análise, é muito raro haver lembranças de uma investigação correspondente nos primeiros anos da infância; há muito ela sucumbiu ao recalçamento, mas seus resultados são uniformes: os filhos chegam quando se come determinada coisa (como nos contos de fadas) e nascem pelo intestino, como na elimina-

<sup>1</sup> [Nota acrescentada em 1920:] Estamos autorizados a falar num complexo de castração também nas mulheres. As crianças de ambos os sexos formam a teoria de que, originariamente, a mulher também tinha um pênis, que foi perdido pela castração. Muitas vezes, a convicção finalmente adquirida de que as mulheres não têm pênis algum deixa no indivíduo do sexo masculino um desprezo duradouro pelo sexo oposto.

<sup>2</sup> [Nota acrescentada em 1924:] Nesses últimos anos da infância, é muito maior a riqueza das teorias sexuais. No texto mencionam-se apenas alguns exemplos.

ção de fezes. Essas teorias infantis fazem lembrar condições existentes no reino animal, sobretudo a cloaca dos tipos de animais inferiores aos mamíferos.

#### A CONCEPÇÃO SÁDICA DA RELAÇÃO SEXUAL

Quando as crianças em tão tenra idade assistem à relação sexual entre adultos, o que é ensejado pela convicção dos mais velhos de que a criança pequena não pode entender nada de sexual, elas não podem deixar de conceber o ato sexual como uma espécie de sevícia ou subjugação, ou seja, de encará-lo num sentido sádico. A psicanálise também nos permite verificar que uma impressão dessa natureza na primeira infância contribui em muito para a predisposição a um deslocamento sádico posterior do alvo sexual. Ademais, as crianças se ocupam muito com o problema de saber em que consiste a relação sexual, ou, como dizem elas, em que consiste ser casado, e costumam buscar a solução do mistério em alguma atividade conjunta proporcionada pelas funções de micção ou defecação.

#### O FRACASSO TÍPICO DA INVESTIGAÇÃO SEXUAL INFANTIL

Em geral, pode-se dizer das teorias sexuais infantis que elas são reflexos da própria constituição sexual da criança, e que, apesar de seus erros grotescos, testemunham uma maior compreensão dos processos sexuais do que se pretenderia de seus criadores. As crianças também percebem as alterações provocadas na mãe pela gravidez e sabem interpretá-las corretamente; a fábula da cegonha é amiúde contada a uma platéia que a recebe com desconfiança profunda, embora quase sempre silenciosa. Mas como dois elementos permanecem desconhecidos na investigação sexual infantil, a saber, o papel do sêmen fecundante e a existência do orifício sexual feminino – os mesmos pontos, aliás, em que a organização sexual infantil ainda está atrasada –, os esforços do pequeno investigador são geralmente infrutíferos, e acabam numa renúncia que não raro deixa como seqüela um prejuízo permanente para a pulsão de saber. A investigação sexual desses primeiros anos da infância é sempre feita na solidão; significa um primeiro passo

para a orientação autônoma no mundo e estabelece um intenso alheamento da criança frente às pessoas de seu meio que antes gozavam de sua total confiança.

#### (6) AS FASES DE DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO SEXUAL<sup>1</sup>

Até agora, destacamos como características da vida sexual infantil o fato de ela ser essencialmente auto-erótica (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer. O desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para a consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio.

#### ORGANIZAÇÕES PRÉ-GENITAIS

O estudo das inibições e perturbações desse processo de desenvolvimento, com a ajuda da psicanálise, permite-nos identificar os rudimentos e etapas preliminares de tal organização das pulsões parciais, que ao mesmo tempo resultam numa espécie de regime sexual. Essas fases da organização sexual são normalmente atravessadas sem dificuldade, revelando-se apenas por alguns indícios. Somente nos casos patológicos é que são ativadas e se tornam passíveis de conhecimento pela observação grosseira.

Chamaremos *pré-genitais* às organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante. Até aqui tomamos conhecimento de duas delas, que dão a impressão de constituir recaídas em estados anteriores da vida animal.

<sup>1</sup> [A totalidade dessa seção também só apareceu em 1915. O conceito de "organização pré-genital" da vida sexual parece ter sido introduzido por Freud em seu artigo sobre "A Predisposição à Neurose Obsessiva" (1913f), embora este verse apenas sobre a organização anal-sádica. Ao que parece, a organização oral foi reconhecida como tal pela primeira vez no presente trecho.]

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a *oral*, ou, se preferirmos, *canibalesca*. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na *incorporação* do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da *identificação*, um papel psíquico tão importante. Como resíduo dessa hipotética fase de organização que nos foi imposta pela patologia podemos ver o chuchar, no qual a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, renunciou ao objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo.<sup>1</sup>

Uma segunda fase pré-genital é a da organização *sádico-anal*. Nela, a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se constituiu, mas eles ainda não podem ser chamados de *masculino e feminino*, e sim de *ativo e passivo*. A atividade é produzida pela pulsão de dominação através da musculatura do corpo, e como órgão do alvo sexual passivo o que se faz valer é, antes de mais nada, a mucosa erógena do intestino; mas há para essas duas aspirações opostas objetos que não coincidem. Ao lado disso, outras pulsões parciais atuam de maneira auto-erótica. Nessa fase, portanto, já é possível demonstrar a polaridade sexual e o objeto alheio, faltando ainda a organização e a subordinação à função reprodutora.<sup>2</sup>

#### AMBIVALÊNCIA

Essa forma da organização sexual pode conservar-se por toda a vida e atrair permanentemente para si uma boa parcela da atividade sexual. O domínio do sadismo e o papel de cloaca desempenhado pela zona anal conferem-lhe um cunho singularmente arcaico. Como característica adicional, é próprio dela que os pares opostos de pulsões estejam desenvolvidos de maneira aproximadamente igual, num estado de coisas descrito pela oportuna designação de “ambivalência”, introduzida por Bleuler.

<sup>1</sup> [Nota acrescentada em 1920:] Quanto aos resíduos dessa fase em neuróticos adultos, ver Abraham (1916). [Acrescentado em 1924:] Num trabalho posterior (1924), Abraham decomps tanto essa fase oral quanto a fase anal-sádica posterior em duas subdivisões em que é característica a conduta diferenciada para com o objeto.

<sup>2</sup> [Nota acrescentada em 1924:] No artigo citado em último lugar (1924), Abraham chamou atenção para o fato de que o ânus provém da *boca primitiva* [Urmund, blastóforo] do embrião, o que parece ser um protótipo biológico do desenvolvimento psicosexual.

A hipótese das organizações pré-genitais da vida sexual repousa na análise das neuroses e é difícil apreciá-la independentemente do conhecimento destas. Podemos esperar que a continuidade dos esforços analíticos venha a fornecer-nos muito mais informações sobre a estrutura e o desenvolvimento da função sexual normal.

Para completar o quadro da vida sexual infantil, é preciso acrescentar que, com frequência ou regularmente, já na infância se efetua uma escolha objetal como a que mostramos ser característica da fase de desenvolvimento da puberdade, ou seja, o conjunto das aspirações sexuais orienta-se para uma única pessoa, na qual elas pretendem alcançar seus objetivos. Na infância, portanto, essa é a maior aproximação possível da forma definitiva assumida pela vida sexual depois da puberdade. A diferença desta última reside apenas em que a concentração das pulsões parciais e sua subordinação ao primado da genitália não são conseguidas na infância, ou só o são de maneira muito incompleta. Assim, o estabelecimento desse primado a serviço da reprodução é a última fase por que passa a organização sexual.<sup>1</sup>

#### OS DOIS TEMPOS DA ESCOLHA OBJETAL

Pode-se considerar como ocorrência típica que a escolha de objeto se efetue em dois tempos, em duas ondas. A primeira delas começa entre os dois<sup>2</sup> e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual.

Mas a existência da bitemporalidade da escolha objetal, que se reduz essencialmente ao efeito do período de latência, é de suma importância para o desarranjo desse estado final. Os resultados da escolha

<sup>1</sup> [Nota acrescentada em 1924:] Posteriormente (1923), eu mesmo modifiquei essa exposição, intercalando, depois das duas organizações pré-genitais, uma terceira fase no desenvolvimento infantil; esta, que já merece o nome de genital, exibe um objeto sexual e certo grau de convergência das aspirações sexuais para esse objeto, mas se diferencia num aspecto essencial da organização definitiva da maturidade sexual. É que conhece apenas um tipo de genitália: a masculina. Por isso denominei-a de estágio *falico* da organização (Freud, 1923e [onde se reproduz a quase totalidade desse parágrafo do texto]). Segundo Abraham [1924], seu protótipo biológico é a disposição genital indiferenciada do embrião, idêntica para ambos os sexos.

<sup>2</sup> [Em 1915, lia-se aqui “três”; a alteração para “dois” foi feita em 1920. Ver também o final da nota da p. 209.]

objetal infantil prolongam-se pelas épocas posteriores; ou se conservam como tal ou passam por uma renovação na época da puberdade. Contudo, revelam-se inutilizáveis, em consequência do recalçamento que se desenvolve entre as duas fases. Seus alvos sexuais foram amenizados e agora representam o que se pode descrever como a corrente de *ternura* da vida sexual. Somente a investigação psicanalítica pode demonstrar que, por trás dessa ternura, dessa veneração e respeito, ocultam-se as antigas aspirações sexuais, agora imprestáveis, das pulsões parciais infantis. A escolha de objeto da época da puberdade tem que renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente *sensual*. A não confluência dessas duas correntes tem como consequência, muitas vezes, a impossibilidade de se alcançar um dos ideais da vida sexual – a conjugação de todos os desejos num único objeto.<sup>1</sup>

#### (7) AS FONTES DA SEXUALIDADE INFANTIL

No esforço de rastrear as origens da pulsão sexual, descobrimos até agora que a excitação sexual nasce (*a*) como a reprodução de uma satisfação vivenciada em relação a outros processos orgânicos, (*b*) pela estimulação periférica apropriada das zonas erógenas, e (*c*) como expressão de algumas “pulsões” que ainda não nos são inteiramente compreensíveis em sua origem, como a pulsão de ver e a pulsão para a crueldade. A investigação psicanalítica, que retrocede de uma época posterior para a infância, e a observação contemporânea da criança conjugam-se para nos apontar outras fontes que fluem regularmente para a excitação sexual. A observação de crianças tem a desvantagem de trabalhar com dados facilmente passíveis de mal-entendidos, e a psicanálise é dificultada pelo fato de só poder chegar a seus dados e conclusões depois de longos rodeios; em cooperação, entretanto, os dois métodos obtêm um grau satisfatório de certeza de conhecimentos.

Pela investigação das zonas erógenas, já descobrimos que essas regiões da pele meramente mostram uma intensificação especial de um tipo de estimulabilidade que, em certo grau, é próprio de toda a superfície cutânea. Portanto, não nos surpreenderá constatar que é possível atribuir efeitos erógenos muito claros a certos tipos de estimulação ge-

<sup>1</sup> [Essas duas correntes foram longamente discutidas na segunda das “Contribuições à Psicologia do Amor” (Freud, 1912d, Ed. Standard, Vol. XI, pp. 206.)

ral da pele. Entre esses, destacamos acima de tudo os estímulos térmicos, o que talvez facilite nossa compreensão do efeito terapêutico dos banhos quentes.

#### EXCITAÇÕES MECÂNICAS

Devemos ainda arrolar aqui a produção de excitação sexual pela agitação mecânica e ritmada do corpo, na qual devemos distinguir três formas de atuação estimulatória: no aparato sensorial dos nervos vestibulares, na pele e nas áreas profundas (músculos, aparelho articular). A existência das sensações prazerosas assim geradas – vale enfatizar que é lícito empregarmos indistintamente, numa vasta medida, “excitação sexual” e “satisfação”, cabendo-nos o dever de buscar mais adiante uma explicação para isso [ver p. 218] –, a existência dessas sensações prazerosas, produzidas por certos tipos de agitação mecânica do corpo, é confirmada pelo fato de as crianças gostarem tanto das brincadeiras de movimento passivo, como serem balançadas e jogadas para o alto, e de pedirem incessantemente que sejam repetidas.<sup>1</sup> Sabe-se que é costumeiro usar o recurso de embalar as crianças inquietas para fazê-las adormecer. O balanço das carruagens e, mais tarde, das viagens de trem exercem um efeito tão fascinante nas crianças mais velhas que pelo menos todos os meninos, em algum momento da vida, quiseram ser condutores de trem ou cocheiros quando crescessem. Eles dedicam um intrigante interesse de extraordinária intensidade a tudo o que se relaciona com as ferrovias, e, na idade em que se ativa a fantasia (pouco antes da puberdade), fazem disso o núcleo de um simbolismo singularmente sexual. É evidente que a compulsão a estabelecer tal vínculo entre as viagens ferroviárias e a sexualidade provém do caráter prazeroso das sensações de movimento. Sobrevindo então o recalçamento, que converte tantas das predileções infantis em seu oposto, essas mesmas pessoas, quando adolescentes ou adultas, reagirão com náuseas aos balanços e sacolejos, ficarão terrivelmente esgotadas pelas viagens de trem, ou tenderão a sofrer ataques de angústia nas viagens, protegendo-

<sup>1</sup> Muitas pessoas lembram-se de ter sentido o impacto do ar em sua genitália, ao se balançarem, como um prazer sexual direto. [Um exemplo específico disso é citado numa nota de rodapé a um trecho de *A Interpretação dos Sonhos* (1900a, próximo ao final do Cap. IV), onde todo esse tema é examinado (Ed. Standard, Vol. IV, p. 201).]

se da repetição dessa experiência dolorosa através de um *pavor das ferrovias*.

Alinha-se aqui o fato, ainda não compreendido, de que a conjugação do susto com a agitação mecânica produz a grave neurose traumática histeriforme. Podemos ao menos supor que essas influências, que numa intensidade mínima transformam-se em fontes de excitação sexual, provoquem, em medida excessiva, uma profunda desordem no mecanismo ou na química<sup>1</sup> sexual.

#### ATIVIDADE MUSCULAR

É sabido que a atividade muscular intensa é, para a criança, uma necessidade de cuja satisfação ela extrai um prazer extraordinário. Se esse prazer tem algo a ver com a sexualidade, se encerra em si mesmo uma satisfação sexual, ou se pode converter-se no ensejo de uma excitação sexual, tudo isso é passível de considerações críticas que, de fato, podem também apontar contra a colocação contida nos parágrafos precedentes, a saber, que o prazer extraído das sensações de movimento passivo é de natureza sexual ou produz excitação sexual. Mas o fato é que uma série de pessoas informa ter vivenciado os primeiros sinais de excitação em sua genitália no curso de brigas ou lutas com seus companheiros de brincadeiras, situação na qual, além do esforço muscular generalizado, há ainda um estreito contato com a pele do oponente. A tendência a travar lutas musculares com determinada pessoa, bem como, em épocas posteriores, a inclinação às disputas verbais ["Provoca-se o que se ama"]<sup>2</sup>, são um bom sinal de que a escolha de objeto recaiu sobre essa pessoa. Na promoção da excitação sexual através da atividade muscular caberia reconhecer uma das raízes da pulsão sádica. Em muitos indivíduos, a vinculação infantil entre as lutas corporais e a excitação sexual é co-determinante da orientação privilegiada que assumirá, mais tarde, sua pulsão sexual.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> [As palavras "ou na química" foram acrescentadas em 1924.]

<sup>2</sup> ["Was sich liebt, das neckt sich", que equivaleria aproximadamente, em língua portuguesa, ao provérbio "A implicância é sinal de amor" (N. da Rev.).]

<sup>3</sup> [Nota acrescentada em 1910:] A análise dos casos de abasia neurótica e agorafobia elimina qualquer dúvida sobre a natureza sexual do prazer do movimento. A educação moderna, como é sabido, serve-se dos esportes em larga escala para desviar os jovens da atividade sexual; seria mais correto dizer que, nesses jovens, ela substitui o gozo sexual pelo prazer do movimento e força a atividade sexual a recuar para um de seus componentes auto-eróticos.

#### PROCESSOS AFETIVOS

Menores são as dúvidas a que ficam sujeitas as outras fontes de excitação sexual na criança. É fácil demonstrar, tanto pela observação contemporânea quanto pela investigação posterior, que todos os processos afetivos mais íntensos, inclusive as excitações assustadoras, propagam-se para a sexualidade, o que, aliás, pode contribuir para a compreensão do efeito patogênico de tais abalos anímicos. Nos escolares, o pavor de fazer uma prova ou a tensão diante de uma tarefa difícil de solucionar podem ser importantes não só para seu relacionamento com a escola, mas também para a irrupção de manifestações sexuais, na medida em que, nessas circunstâncias, é muito freqüente surgir uma sensação estimuladora que incita ao contato com a genitália, ou ainda um processo da natureza de uma poluição, como todas as suas conseqüências desconcertantes. O comportamento das crianças na escola, que propõe aos professores um número bastante grande de enigmas, merece, em geral, ser relacionado com o desabrochar de sua sexualidade. O efeito sexualmente excitante de muitos afetos que em si são desprazerosos, tais como a angústia, o medo ou o horror, conserva-se num grande número de seres humanos por toda a vida, e sem dúvida explica por que tantas pessoas correm atrás da oportunidade de vivenciar tais sensações, desde que haja apenas certas circunstâncias secundárias (a pertença a um mundo imaginário, à leitura ou ao teatro) para atenuar a gravidade da sensação desprazerosa.

Presumindo-se que também as sensações de dor intensa provoquem o mesmo efeito erógeno, sobretudo quando a dor é abrandada ou mantida à distância por alguma condição concomitante, estaria nessa vinculação uma das principais raízes da pulsão sadomasoquista, de cujas múltiplas complexidades vamos assim ganhando aos poucos algum discernimento.<sup>1</sup>

#### TRABALHO INTELLECTUAL

Por fim, é inequívoco que a concentração da atenção numa tarefa intelectual, bem como o esforço intelectual em geral, têm por conseqüência produzir em muitas pessoas, tanto jovens quanto adultas, uma

<sup>1</sup> [Nota acrescentada em 1924:] Refiro-me aqui ao chamado masoquismo "erógeno".

excitação sexual concomitante, o que por certo constitui a única base justificável para a tão duvidosa prática de derivar as perturbações nervosas do “excesso de trabalho” intelectual.<sup>1</sup>

Correndo agora os olhos por essas provas e indícios fornecidos sobre as fontes da excitação sexual infantil, e que não foram completos nem exaustivos, podemos vislumbrar ou reconhecer os seguintes traços universais: parece que as mais abundantes providências são tomadas para que o processo da excitação sexual – cuja natureza decerto se tornou bastante enigmática para nós – seja posto em andamento. Cuidam disso, antes de mais nada, e de maneira mais ou menos direta, as excitações das superfícies sensíveis – a pele e os órgãos sensoriais –, e, da maneira mais imediata, a influência dos estímulos sobre certas áreas designadas como zonas erógenas. O elemento decisivo nessas fontes de excitação sexual é, sem dúvida, a qualidade do estímulo, embora o fator da intensidade (no caso da dor) não seja de todo indiferente. Além disso, porém, existem no organismo dispositivos cuja consequência é fazer com que a excitação sexual surja como um efeito concomitante num grande número de processos internos, tão logo a intensidade desses processos ultrapasse certos limites quantitativos. O que chamamos de pulsões parciais da sexualidade deriva diretamente dessas fontes internas da excitação sexual, ou então se compõe de contribuições vindas dessas fontes e das zonas erógenas. É possível que nada de maior importância ocorra no organismo sem fornecer seus componentes para a excitação da pulsão sexual.<sup>2</sup>

Não me parece possível, no momento, trazer maior clareza e segurança a essas proposições gerais, e responsabilizo dois fatores por isso: primeiro, a novidade de todo o método de abordagem, e segundo, a circunstância de a natureza da excitação sexual ser-nos inteiramente desconhecida. Ainda assim, eu não gostaria de renunciar a duas observações que prometem abrir-nos amplas perspectivas:

<sup>1</sup> [Alguns comentários anteriores de Freud sobre esse tema podem ser encontrados aproximadamente no meio de seu primeiro artigo sobre “A Sexualidade na Etiologia das Neuroses” (1898a), e há comentários posteriores numa nota de rodapé na Seção III de “Análise Terminável e Interminável” (1937c).]

<sup>2</sup> [Freud citou esse trecho em seu artigo sobre “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924c), Ed. *Standard*, Vol. XIX p. 211.]

## AS DIFERENTES CONSTITUIÇÕES SEXUAIS

(a) Assim como antes vimos ser possível [p. 160] basear uma multiplicidade de constituições sexuais inatas na formação diferenciada das zonas erógenas, podemos agora experimentar a mesma coisa com a inclusão das fontes indiretas de excitação sexual. Podemos presumir que essas fontes façam contribuições em todos os indivíduos, mas não tenham em todas as pessoas a mesma intensidade, e que na conformação privilegiada de cada fonte da excitação sexual situe-se outra contribuição para diferenciar as diversas constituições sexuais.<sup>1</sup>

## VIAS DE INFLUÊNCIA RECÍPROCA

(b) Se abandonarmos a expressão figurada a que nos apegamos por tanto tempo ao falar em “fontes” da excitação sexual, poderemos chegar à hipótese de que todas as vias de ligação que levam à sexualidade, vindo de outras funções, devem também ser percorriáveis na direção inversa. Por exemplo, se o fato de a zona labial ser patrimônio comum de duas funções é a razão por que a ingestão de alimentos gera uma satisfação sexual, esse mesmo fator nos permite compreender que haja distúrbios na nutrição quando as funções erógenas da zona comum são perturbadas. E, uma vez que sabemos que a concentração de atenção é capaz de provocar excitação sexual, somos levados a supor que, atuando pela mesma via, só que em sentido inverso, o estado de excitação sexual pode influenciar a disponibilidade de atenção dirigida a algo. Boa parte da sintomatologia das neuroses, que deduzo das perturbações nos processos sexuais, expressa-se em perturbações de outras funções não-sexuais do corpo; essa circunstância, até agora incompreensível, torna-se menos enigmática quando se considera que representa apenas a contrapartida das influências sob as quais se dá a produção da excitação sexual.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> [Nota acrescentada em 1920:] Uma consequência inevitável dessas considerações é que devemos atribuir a cada indivíduo um erotismo oral, anal, uretral, etc., e que a constatação dos complexos anímicos correspondentes a estes não implica nenhum julgamento sobre anormalidade ou neurose. As diferenças que separam o normal do anormal só podem residir na intensidade relativa de cada componente da pulsão sexual e no uso que lhes é dado no decorrer do desenvolvimento.

<sup>2</sup> [Freud reformou esse ponto, com especial referência aos distúrbios da visão, num artigo sobre esse tema (1910i), Ed. *Standard*, Vol. XI, pp. 201-03]

Mas as mesmas vias pelas quais as perturbações sexuais se propagam para as outras funções do corpo devem também prestar, na saúde, um outro importante serviço. Por elas se daria a atração das forças pulsionais da sexualidade para outros alvos não-sexuais, ou seja, a sublimação da sexualidade. Mas devemos encerrar com a confissão de que é ainda muito pouco o que se conhece com certeza sobre essas vias, que sem dúvida existem e provavelmente são percorríveis em ambas as direções.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> [Numa carta de 14 de maio de 1911, Abraham pediu a Freud que tecesse alguns comentários sobre esse parágrafo. Em 18 de maio de 1911, Freud respondeu-lhe o seguinte: “O trecho da *Teoria da Sexualidade* estava fadado a soar enigmático, pois não havia por trás dele nenhuma idéia clara, apenas uma construção. Existem caminhos, de natureza desconhecida, através dos quais os processos sexuais exercem um efeito sobre a digestão, a hematopoiese, etc. As influências perturbadoras vindas da sexualidade percorrem essas vias, e portanto, em condições normais, é provável que os afluxos benéficos e utilizáveis de algum outro modo também o façam. (Freud, 1965a.)]